

## 27. Na cidade corria mais risco de me contaminar

Gracilene Monteiro Narciso

Me chamo Gracilene Monteiro Narciso, tenho 24 anos, sou indígena da etnia Galibi-Marworno, da Aldeia Kumarumã, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, no Amapá. Sou acadêmica do Curso de Ciências Biológicas e, devido aos estudos, passei a morar no Oiapoque.

Antes da pandemia chegar ao Brasil eu estava muito feliz e satisfeita, mas quando foi confirmado o primeiro caso no Brasil fiquei triste, muito pensativa. Como esse vírus circula muito rápido, sabia que cedo ou tarde iria chegar no estado do Amapá também. Quando assisti o noticiário local e foi anunciado o primeiro caso confirmado no Amapá caiu a minha ficha, fiquei muito preocupada, algumas noites eu não conseguia dormir direito de tanta preocupação.

Eu tinha acabado de iniciar o quarto semestre do curso, tinha muitas expectativas de adquirir novos conhecimentos e somar com as minhas amigas da minha turma, como sempre fizemos em outros semestres. Também tinha planejado viajar com a minha amiga para conhecer a cidade dela, no mês de julho, nossas férias. Mas, infelizmente, as atividades acadêmicas foram suspensas devido a chegada da COVID-19 no Amapá. Fiquei muito preocupada com o semestre mas, principalmente, com minha família, meu povo e os demais povos indígenas da região do Oiapoque. Nós, indígenas, possuímos imunidade baixa para gripes e fazemos parte do grupo de risco. Ficou muito difícil para mim, pensava nas consequências dessa doença e na ausência de estrutura adequada nos hospitais do Estado do Amapá.

Já que não tinha aula para mim, entrei em contato com o meu pai, foi quando ele me pediu para ir para a aldeia me isolar junto com eles. Falei que sim, aí, no dia seguinte, uma tia minha me ligou para me avisar que ela tinha conseguido uma passagem para mim, seguimos para a aldeia.

Logo em nossa chegada à aldeia, o Cacique, junto com as lideranças e os profissionais de saúde, tomou a decisão de proibir a saída e a entrada de pessoas, mesmo parentes, vindas da cidade. Com a graça de Deus cheguei a tempo na aldeia, antes dessa decisão ser tomada. Tenho acompanhado as notícias sobre essa doença pela TV. Quando deu o primeiro caso

confirmado no Oiapoque, aí a preocupação aumentou, pois logo o vírus poderia chegar nas áreas indígenas. Tomamos as possíveis providências de prevenção da doença para não chegar na aldeia, preparamos os nossos remédios caseiros para usarmos contra os sintomas da COVID-19.

O segundo caso confirmado no Oiapoque nos abalou muito, porque era um indígena, um enfermeiro da saúde indígena, do DSEI (Departamento Sanitário Especial Indígena) Amapá e Norte do Pará. Minha tia é técnica de enfermagem e teve contato com ele, porque ela estava na CASAI (Casa de Saúde Indígena), tinha ido para trabalhar na aldeia Kunanã mas, como ela tem filho pequeno e não pode ficar longe, pois tem que amamentar o bichinho, o chefe dela a escalou para ir trabalhar na nossa aldeia mesmo. Então ela voltou para a comunidade do Kumarumã, mas quando os profissionais da saúde souberam que ela teve contato com o enfermeiro que atestou positivo para COVID-19, os profissionais da saúde foram até nossa casa pedir para ela ficar de isolamento durante 14 dias, se não apresentasse sintomas durante os 14 dias voltaria ao trabalho. Ela ficou até completar os 14 dias e não apresentou nada de sintoma, mas, durante esses 14 dias, as pessoas estavam com muito medo da gente, porque minha tia poderia estar infectada. Nós também estávamos com medo, pois moramos na mesma casa, mas com a graça de Deus ela não estava infectada.

Depois, com um mês e meio na aldeia, eu recebi uma mensagem para vir ao Oiapoque resolver um problema pessoal. Infelizmente, tive que sair da aldeia uma hora da madrugada, debaixo de chuva, eu sofri muito, esse dia foi muito difícil para mim e ainda carregava muita preocupação, pois indo para a cidade corria mais risco de me contaminar com o vírus.

Passados alguns dias encaminharam um homem da aldeia para a cidade, pois ele sentia alguns sintomas da COVID-19 há 12 dias. Na cidade fizeram o teste rápido e deu positivo! Quando recebi essa notícia foi muito difícil para mim, não conseguia acreditar, chorei muito de preocupação com a minha família, pois poderiam estar infectados também, porque minha tia trabalha no posto de saúde na aldeia e teve contato com esse senhor que atestou positivo. Minha tia não ficou online por um bom tempo, esses momentos sem informação da minha família foram muito difíceis para mim. Em uma segunda-feira bem cedo minha prima ficou online e me mandou mensagem avisando que, infelizmente, minha família estava com a COVID-19: meu avô, minha avó, meu irmão e meu pai. Nesse dia fiquei muito

para baixo, sem força, chorei muito de preocupação e medo de perder eles para esse vírus, porque são pessoas que eu amo muito.

Depois, minha tia ficou online e me mandou mensagens. Perguntei se meus parentes estavam melhorando e ela me disse que sim, que meu avô, minha avó e meu irmão estavam melhorando. Meu pai não, ele estava um pouco mal. Isso me deixou muito preocupada com o meu pai, eu o amo muito, ele é o único que tenho, que me restou. Com o tempo ele melhorou também, com a graça de Deus minha família venceu esse vírus! Mas fiquei triste pela perda de uma senhora na minha aldeia, ela é mãe de uma amiga minha. Semana passada recebi outra notícia triste sobre o meu tio, que estava muito mal, lutando contra o vírus. Para piorar, minha bisavó, de 102 anos, está lutando contra a COVID-19. Estou muito preocupada, pois ela é muito frágil, mas creio que ela vai sair dessa, sempre penso positivo, minha bisavó é mais forte que esse vírus e vai vencer...!

Oiapoque, Amapá, Brasil

14 de junho de 2020